

PM	MLF
B	A
Jornal	A Tarde
Data:	06/02/2011
Caderno	Salvador A4
Seção:	
Assunto:	BAIRRO
MONTE SERRAT	

CIDADE BAIXA Aprazíveis restaurantes de frutos do mar e vista deslumbrante fazem a festa dos frequentadores do local

Pedra Furada, paraíso para olhos e paladar

MARY WEINSTEIN

A Pedra Furada não aparece no caminho de qualquer um. Escondido entre a Igreja, o Farol de Monte Serrat e a Ribeira, o local somente é encontrado por aqueles que muito apreciam ver o oceano, sentindo a tranquilidade e o sabor da comida que vem do mar – a ponto de dispensarem a sofisticação dos restaurantes que se espalham nos pontos mais previsíveis da Baía de Todos-os-Santos. Quem morar longe tem de atravessar boa parte da cidade.

Uma moqueca de camarão

custa R\$ 45; de peixe, R\$ 28; siri catado, R\$ 18, e a de siri-mole, somente sob encomenda, sai a R\$ 45, no Restaurante da Marrom (não associar à cantora Alcione).

O siri-boia, pescado com jereiré mar adentro, é servido a R\$ 3, em média, a unidade, nos nove restaurantes que ficam na ladeira e lá embaixo, na beira d'água. Cada um deles compra na mão dos pescadores cerca de 400 siris por semana.

Ivan é filho de Maria Mesquita, comerciante que comprou o estabelecimento da mãe da cunhada dele, e man-

teve o nome. Ivan, então, ficou sendo o administrador financeiro do negócio, mas também serve mesa, se precisar, e até cozinha, porque tomou curso no Senac.

“São 30 mesas, e fica entupido nos finais de semana. E, aí, tem o problema da ladeira, porque os carros estacionam dos dois lados. Se alguém passar mal, não pode ser socorrido, porque fica engarrafada”, ele explica.

A Transalvador, órgão regulador do trânsito na cidade, segundo os relatos de moradores, só vem de segunda a quinta-feira, quando não tem

“O tempero é ótimo. Não pode botar muita água nem cozinhar muito depois que abrem”

JORGE ALVES, “filosofando” sobre as lambretas

tanto movimento. O comerciante Ivan também anda insatisfeito com o lixo na localidade e com as poças de água suja que se formam, nas quais os cachorros da rua matam a sede.

“A uma hora dessas de um domingo (11 h), a prefeitura já tinha que ter limpado tudo”, indignava-se Ivan no domingo passado.

Fregueses

No mesmo dia, logo cedo, a comerciante Marilene Sicopira, a professora Maria do Carmo e o engenheiro Jorge Alves, moradores de São Lázaro,

já estavam em volta da mesa, no bar de Paulo Pantera, tendo a vista do mar, pontilhado por barcos e canoas, em primeiro plano, e a Ponta de Nossa Senhora como ciclorama. Em outras duas mesas, um pessoal jogava dominó, outro brincava com um bebê. Os madrugadores já tinham comido duas dúzias de lambretas. E pediriam mais.

“O tempero é ótimo. Não pode botar muita água nem cozinhar demais depois que abrem”, explica, quase filosofando, Jorge Alves, um ilheense acostumado a mariscos de primeira.

Fotos Raul Spinassé / Ag. A TARDE





Vista do mar, pontilhado por barcos, em primeiro plano, e a Ponta de Nossa Senhora, como ciclorama, é uma das marcas que cativam frequentadores da Pedra Furada

Quintal de casa torna-se restaurante disputado

“Era o quintal de nossa casa. Comecei fazendo experiência com os colegas que vinham tomar roska e curtir a vista”. Hoje, o restaurante de Virgília Resch, no início com três mesas, funciona com 45, atendidas por 15 funcionários. “Considero meus clientes chiques, vêm de toda a cidade”, alegra-se.

Paulo e Ana Avelar, moradores da Federação, almoçam ali pelo menos de 15 em 15 dias. O juiz José Alves é frequentador assumido. “Venho pelo prazer, por já ter morado aqui”, festeja o agora morador da Cidade Alta.

Virgília lembra que, há muito tempo, pescadores moravam nas grutas e deram o nome de Pedra Furada ao local. Ela viu tudo se transformar – deixar de ter mato na Ladeira do Rio Negro, passar a ser de terra batida e depois ser de asfalto movimentada: “Aqui foi calçado por meu avô. Os carros capotavam por causa do capim”, conta.

O avô dela – não se sabe se era italiano mesmo, como

consta no passaporte, ou austríaco, como sugere o nome (Resch) – chegou à Bahia em 1914. Virgília guarda edição de A TARDE de 1915, com o avô na matéria de capa – *Os austríacos captivos da nossa neutralidade* – relatando a situação dos que chegaram em plena I Guerra Mundial.

O avô de Virgília teve de morar num navio por quatro anos, até ser liberado. Depois, montou um curtumê em que carimbava couros com o próprio nome. Ali, também, havia uma fábrica de banha e uma salgadeira, do abastado comerciante Amado Bahia.

Virgília lembra que pescadores moravam nas grutas e deram o nome de Pedra Furada ao local



Virgília mostra edição de 1915 de A TARDE: avô na capa

Órgãos municipais dizem que serviços são regulares

Sobre o trânsito na área da Pedra Furada, a assessoria de imprensa da Transalvador responde que “operações de fiscalização são feitas todos os dias da semana, como, de resto, em toda a cidade de Salvador. Contudo, não se montam bases fixas na localidade, porque o trabalho de fiscalização do trânsito, em toda a capital, é ostensivo”.

A assessoria explica, ainda, por e-mail, que “os agentes chegam, ordenam o trânsito e vão para outros pontos, sem privilegiar nenhum endereço específico”. E acrescenta que “as operações acontecem de segunda a segunda”.

Também a assessoria da Limpurb – responsável pela coleta de lixo na capital – responde que a coleta na Pedra Furada “é efetuada diariamente, de domingo a domingo, no horário matutino”. E que “os sacos com resíduo orgânico foram colocados próximo ao muro de contenção para ser coletados pelo caminhão-compactor”.

De acordo com a assessoria

do órgão municipal, não existe nenhuma irregularidade na realização da limpeza do local, ao contrário do que relatam os comerciantes e moradores da localidade.

Praia imprópria

A praia em Pedra Furada se mantém com a classificação de “imprópria para o banho” praticamente durante todo o ano. “O estudo que fazemos se destina à balneabilidade, com a finalidade do contato primário, que é o de tomar banho”, explicou José Antônio Lacerda, biólogo e técnico da área de monitoramento e fiscalização do Instituto de Meio Ambiente (IMA) do Estado.

“Geralmente, essa contaminação de esgoto se dá onde tem material fecal. Perto dali, uma invasão não tem saneamento, e os dejetos são lançados ao mar”, ele explica. “Se bem que ali não se usa a praia para turista, não tem muitos frequentadores”, afirma o biólogo. “Não compete ao IMA dizer para tirar a invasão dali”, concluiu.